

Superando a dependência química: um relato de experiência de uma ação social desenvolvida por acadêmicos de medicina

Anderson Cândido Costa Silva¹; Gabriela Pereira Duarte¹; Jéssica Sena Melo¹; Karla Karoline Pitanga¹; Karinne Andressa Silva¹; Maria Paula Borges Rodrigues¹; Leandro Nascimento da Silva Rodrigues².

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.
2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A dependência química, segundo a Organização Mundial de Saúde, é definida como um transtorno da função cerebral ocasionado pela ingestão de substâncias psicoativas, sendo a existência de um conjunto de sintomas comportamentais, fisiológicos e cognitivos que define a adicção. Dessa forma, objetivou-se relatar a experiência de uma ação extensionista realizada por acadêmicos do 4º período do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA em uma comunidade terapêutica de dependentes químicos intitulada “Casa de Recuperação Esquadrão Resgate”. A atividade evidenciou, sobretudo, os transtornos psicológicos, comportamentais e cognitivos enfrentados pelos internos que, naquele momento, enfrentavam a adicção por substâncias psicoativas além do estigma social por trás da dependência química, principalmente no que diz respeito ao despreparo dos profissionais de saúde em oferecer qualidade de atendimento a esse perfil de paciente. Ademais, o método terapêutico empregado pelo Esquadrão Resgate, caracterizado pelo estímulo a cultivo de novos hábitos, como o artesanato e a espiritualidade, ratifica a importância de intervenções comportamentais preconizadas pela neurociência no tratamento à dependência química. Por fim, conclui-se a pertinência da inclusão do tema para a formação acadêmica a fim de promover qualificação de atendimento além da relevância de inclusão de terapias comportamentais na gama de tratamentos à dependência química.

Palavras-chave:

Educação em saúde.
Dependência química.
Repercussões.
Intervenções terapêuticas.

INTRODUÇÃO

A dependência química sempre foi um tema bastante presente em toda a história, porém, em cada período apresentou uma abordagem diferente pela sociedade e uma perspectiva de aceitação ou rejeição própria da época, sendo considerado um fenômeno complexo e multifatorial e uma questão de saúde pública apenas na segunda metade do século XX (MORAES et al., 2006). Segundo a Organização Mundial de Saúde é definida como um transtorno da função cerebral ocasionado pela ingestão de substâncias psicoativas. Esses elementos afetam diversos processos cerebrais normais, entre eles, aqueles referentes às emoções, motivações e sensopercepção. As substâncias psicoativas mais comuns podem ser classificadas em alucinógenos (PCP, LSD, canabis), opioides (morfina e heroína), estimulantes (nicotina, cocaína, anfetaminas, ecstasy) e depressores (álcool, sedativos, hipnóticos).

O Relatório Mundial sobre Drogas (2019) divulgou que, no momento, 35 milhões de pessoas sofrem transtornos decorrentes do uso de drogas, mas, por ano, apenas 1 em cada 7 pessoas recebem tratamento. Ademais, o III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, divulgado pela Fiocruz no ano de 2017, ainda mostram que 7,7% das pessoas pesquisada, que possuem entre 12 e 65 anos, já fumaram maconha uma vez na vida. A segunda droga mais utilizada é a cocaína, com 3,1%. Também foi demonstrado que existe uma queda no consumo do tabaco.

A combinação de drogas é comum entre os dependentes químicos, uma vez que essa associação de substâncias pode suprir a fissura ou os sintomas da abstinência provocados pela falta da droga de preferência. Além disso, a frequência de uso da droga pode aumentar devido à adaptação do organismo, o que demanda uma maior quantidade da substância para provocar o mesmo efeito pelo mesmo período de tempo. Uma problemática importante é a presença de comorbidades psiquiátricas como transtornos de humor, como a depressão e a doença do transtorno bipolar, transtornos de ansiedade e transtornos com sintomas psicóticos (CAPISTRANO et al., 2013).

A dependência química é baseada em seis critérios. Caso o indivíduo apresente três desses critérios, já se enquadra no diagnóstico em questão. A saber, os seis critérios são: desejo forte e compulsivo de consumir a substância; dificuldade em controlar o início, o fim e os níveis de consumo; estado de abstinência fisiológica; evidência de tolerância, ou seja, necessidade de doses crescentes da substância; distanciamento das atividades cotidianas, assim como perda de prazer em outras fontes que não seja o consumo; e persistência no consumo mesmo com provas evidentes de lesões orgânicas, psicológicas ou cognitivas (OPAS, 2014). Nessa perspectiva, de acordo com a DSM V, o que define a dependência química é a existência de um conjunto de sintomas comportamentais, fisiológicos e cognitivos, os quais o indivíduo perpetua o consumo mesmo sabendo que o ato está causando prejuízos relevantes em sua saúde (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Existem várias maneiras que podem complicar o quadro do paciente, dentre elas são as intoxicações agudas, abstinência imediata ou até mesmo sequelas de abuso a longo prazo. Muitos usuários crônicos são hospitalizados devido às fisiopatologias secundárias, sendo a maioria internada por

complicações nos sinais vitais e geralmente apresentam sinais traumáticos, agudos ou crônicos da dependência do uso de drogas. Também é importante avaliar-se nesse contexto, que usuários crônicos de drogas, possuem altos riscos de terem doenças infecciosas, por causa do estilo de vida citado anteriormente (SANTANA et al, 2020).

As pesquisas em neurociência sugerem intervenções tanto farmacêuticas quanto comportamentais para a abordagem de dependência química, inclusive a combinação entre elas tem revelado maior efetividade no tratamento. Dentre as intervenções farmacológicas destacam-se aquelas que simulam o efeito da substância psicoativa de modo a causar, no entanto, efeitos prejudiciais menos significativos e aquelas que estimulam a aversão ao consumo da droga. Ademais, quanto às terapias comportamentais ressaltam-se aquelas que substituem a motivação pelo consumo da substância psicoativa pela motivação de desenvolver outras atividades. Sabe-se, no entanto, que o maior obstáculo para a eficácia do tratamento consiste no consentimento e continuidade da terapia pelo paciente (OMS, 2004; NEIMAN; HAAPANIEMI; HILLBOM, 2000).

A relevância está nas contribuições do tema tanto para a formação médica quanto para a população atendida, demonstrando a necessidade de se aumentar o incentivo e as possibilidades de extensão universitária nessa área de atuação.

Dessa forma, o objetivo desse presente estudo é relatar a experiência acadêmica, de um grupo de estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior em Goiás, vivenciada ao visitar uma instituição que presta assistência a dependentes químicos, além de promover uma breve reflexão acerca do método terapêutico empregado pela respectiva casa de reabilitação.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A atividade foi realizada pelos acadêmicos do 4º período do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, por meio da disciplina de Comunicação, subárea da disciplina de Habilidades Médicas. A ação ocorreu na Casa de Recuperação Esquadrão Resgate, localizada no município de Abadiânia-GO. Tal momento englobou a participação de todos os internos da instituição.

A proposta do Esquadrão Resgate é acolher indivíduos adictos e trata-los por meio de crenças, aprendizados e outras atividades a fim de promover a reinserção dessas pessoas na sociedade e melhorar sua qualidade de vida. É uma instituição que conta com o apoio de doações de cidades vizinhas e de familiares dos dependentes que lá estão. Além disso, o lugar conta com uma rotina estabelecida que proponha horários da realização de cada ação que será feita no decorrer do dia e horários de descanso.

Em um primeiro momento, fomos apresentados à equipe responsável pela condução do projeto e aos internos que naquele momento estavam sendo tratados na instituição. Logo depois, nos informaram sobre alguns aspectos técnicos, como o tempo de internação que, nesse local, é de 9 me-

ses, ao fato de só aceitarem internações voluntárias e de ser uma casa de recuperação destinada somente a homens maiores de idade. A seguir, começaram os relatos daqueles que estavam recebendo tratamento.

Durante as muitas falas, percebe-se que a maioria daqueles que estão enfrentando esse momento destacam a importância do contexto familiar e da espiritualidade como ponto crucial para enfrentar essa fase. Além disso, nota-se que alguns, passam a adquirir novas habilidades e hábitos, para superar a adicção, por exemplo, a prática de lutas marciais e artesanato. Ademais, um ponto muito crucial levantado pelos próprios acadêmicos durante o momento aberto a perguntas, foi em relação à condição de acolhimento que os serviços de saúde garantia quando ainda não estavam em tratamento. Muitos relataram histórias de preconceito e ressaltaram o quanto, diversas vezes, esperavam desses profissionais um tratamento digno que não lhes foi oferecido. Tal situação, evidencia uma das tantas lacunas do sistema de saúde e da formação médica.

Após esse momento, ocorreu a realização de atividades que, anteriormente, tinham sido desenvolvidas pelos discentes. Entregamos para todos papel e caneta e pedimos para que escrevessem como se viam agora e o que pretendiam para o futuro. A partir dessa proposta, foi possível identificar o quanto a situação em que se encontravam os faziam crer que tinham perdido seu valor perante a sociedade. O futuro que muitos relataram era marcado pelo momento em que seriam reinseridos na sociedade, com a esperança de conseguirem retomar suas vidas, reaver os empregos perdidos e reatar laços rompidos. Por fim, ficou também muito claro a seriedade com que lidavam com o fato de retornarem para um mundo que possuía muitos estímulos para que voltassem a consumir substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, sendo sempre destacado o lema: “Só por hoje eu não vou usar”.

DISCUSSÃO

O aumento do consumo de substâncias psicoativas é um problema de saúde pública. Desse modo, por ser uma doença complexa, os modelos para tratamento de dependentes químicos necessitam de intervenções que envolvam ações médicas, psicológicas, sociais e religiosas. Como ainda é recente a implementação de políticas públicas para o tratamento de usuários de drogas, nota-se uma carência de serviços na rede assistencial. Tal cenário corroborou com o fortalecimento de instituições não estatais, tendo como destaque as comunidades terapêuticas, muito vinculadas a instituições religiosas, e os grupos de ajuda mútua, sendo hoje os principais recursos encontrados durante o tratamento (DA COSTA et al., 2015).

Nas comunidades terapêuticas, o método de trabalho se baseia na religião e no trabalho, sendo o instrumento terapêutico a convivência em grupo. Os membros do grupo possuem tarefas diárias e participam de atividades laborais, esportivas e espirituais. O objetivo principal é a abstinência. Nessas instituições, as equipes são compostas por ex-dependentes. Tal situação é também uma das

críticas levantadas sobre o modelo, já que o responsável pelo projeto não ser necessariamente um profissional com nível superior pode limitar o potencial do serviço prestado (DE JESUS, 2006).

Dessa forma, o tratamento baseado na religião, possui como proposta a prática de constantes orações, sobretudo no momento de necessidade da droga, como um meio para se controlar frente a uma possível recaída. Desse modo, a oração substituiria a terapia farmacológica e teria um papel ansiolítico análogo à função de um fármaco. De forma concomitante, o fato de ter Deus como um companheiro constante na luta contra as drogas diminui o sentimento de solidão e fornece conforto para essas pessoas (SANCHEZ; NAPPO, 2008).

Além disso, prática de exercícios físicos tem uma importante relevância, com alterações positivas na cognição e evita recaídas frequentes. Antes de iniciar o tratamento, foi abordado que o escore dos indivíduos no desejo de uso de drogas habitualmente era de 11,3, mas, com a prática de exercícios físicos aeróbios reduziu o escore para 4,4, demonstrando uma redução da possibilidade de uma recaída, ao diminuir o desejo pela droga (FERREIRA et al., 2017).

Ademais, ressalta-se que a internação não deve ser vista como o único tratamento, mas sim como uma parte do processo na recuperação do dependente químico. Diante desse cenário, propõe-se terapias multifamiliares, consultas com psiquiatras e participação em grupos de ajuda mútua como abordagem para melhorar a saúde destes indivíduos. Alguns dos trabalhos mostram que é importante os familiares apoiarem e incentivarem a adesão ao tratamento e sua persistência, pois, sabe-se que esses adictos irão apresentar uma probabilidade muito baixa de passar por esse tratamento sem ter nenhuma recaída ou desmotivação, e é abordado e comprovado cientificamente que os familiares, na maioria das vezes, são considerados o elo motivacional para esses dependentes persistirem. Neste cenário, percebe-se que para se obter um tratamento eficaz, é preciso que haja uma conexão das ideias citadas anteriormente a fim de qualificar e humanizar a oferta de saúde aos dependentes químicos, contribuindo, dessa forma, para a melhora do seu tratamento e da sua qualidade de vida. (SEADI; OLIVEIRA, 2009; SOUSA; OLIVEIRA, 2010; SOUSA et al., 2013; LEMES et al., 2020).

Por fim, nota-se a carência de profissionais capacitados que saibam lidar com pacientes adictos. Isso ocorre porque, o modelo biológico, predominante na formação médica, torna a formação acadêmica insuficiente, já que a dependência química envolve mecanismos complexos que necessitam de abordagens amplas e variadas para sua resolução (DE JESUS, 2006).

CONCLUSÃO

A partir da experiência vivenciada e leitura e análises de artigos, conclui-se que a adicção é um problema de saúde pública complexo que requer, durante e após o tratamento, o emprego de diversas intervenções e estratégias que visem à melhoria da qualidade de vida, a aquisição de novos hábitos e a readaptação. Assim, oportunidades tais como essa além de questionar o preparo dos profissio-

nais de saúde no que diz respeito à conduta para com pacientes tão vulneráveis -como aqueles que enfrentam a dependência química- coloca em evidência a necessidade imperiosa da discussão e enfrentamento da dependência de substâncias psicoativas, de modo a assegurar o exercício pleno da cidadania daqueles indivíduos que se encontram em situação de fragilidade. Ademais, o conhecimento acerca da abordagem comportamental, pautada na espiritualidade e cultivo de novos hábitos, feita pela casa de recuperação reforça a relevância de terapias alternativas e complementares à medicamentosa que por vezes é utilizada isoladamente.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BASTOS, F. I. P. M., et al. **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.
- CAPISTRANO, F.C. et al. Perfil sociodemográfico e clínico de dependentes químicos em tratamento: análise de prontuários. **Esc. Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 234-241, 2013.
- DA COSTA P.H.A, et al. Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 2, p. 395-406, 2015.
- DE JESUS, C.F. DE JESUS, C.F. **Instituições de atendimento a toxicodependentes: experiências no Vale do Paraíba**. 147 f., 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia da saúde), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.
- DE SOUSA, F.S.P.; OLIVEIRA, E.N. Caracterização das internações de dependentes químicos em Unidade de Internação Psiquiátrica do Hospital Geral. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 15, n. 3, p. 671-677, 2010.
- FERREIRA, S.E. et al. Efeitos agudos do exercício físico no tratamento da dependência química. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 123-131, 2017.
- LEMES, A.G. et al. Terapia Comunitária como cuidado complementar a usuários de drogas e suas contribuições sobre a ansiedade e a depressão. **Esc. Anna Nery**, v. 24, n. 3, 2020.
- MORAES, E. et al. Conceitos introdutórios de economia da saúde e o impacto social do abuso de álcool. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 28, n. 4, p. 321-325, 2006.
- NEIMAN, J.; HAAPANIEMI, H.M.; HILLBOM, M. Neurological complications of drug abuse: pathophysiological mechanisms. **Eur J Neurol.**, v. 7, n. 6, p. 595-606, 2000.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Neurociência de consumo e dependência a substâncias psicoativas: resumo. WHO Library Cataloguing-in-Publication, 2004. 40 p.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. São Paulo: Artmed, 2014.
- PRATTA, E.M.M.; DOS SANTOS, M.A. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 25, n. 2, p. 203-211, 2009.
- SABINO, N.D.M.; CAZENAVE, S.O.S. Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas. **Estud. psicol. (Campinas)**, v. 22, n. 2, p. 167-174, 2005.

SANCHEZ, Z.M.; NAPPO, S.A. Intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas. **Rev. Saúde Pública**, v. 42, n. 2, p. 265-272, 2008.

SEADI, S.M.S; OLIVEIRA, M.S. A terapia multifamiliar no tratamento da dependência química: um estudo retrospectivo de seis anos. **Psicol. clin.**, v. 21, n. 2, p. 363-378, 2009.

SOUSA, P.F. et al. Dependentes Químicos em Tratamento: Um Estudo sobre a Motivação para Mudança. **Temas em Psicologia**, v.21, n.1, p. 259-268, 2013.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). **World Drug Report 2019**. In: United Nations publication; 2019, Viena. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.